

JB  
20/3/97 15  
24

# Ciência

## Rio +5 fica sem relatório para a ONU

■ Falta de consenso sobre resumo das conclusões da reunião faz com que 18 participantes permaneçam na cidade por mais 10 dias

ALEXANDRE MANSUR E  
CLÁUDIA MONTENEGRO

Os participantes da conferência internacional Rio +5 não conseguiram cumprir um dos principais objetivos do encontro — a preparação de um documento para a reunião da Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, em abril. Para que fique pronto este documento, resumindo as conclusões de cada grupo de trabalho, 18 participantes da Rio +5 ficarão na cidade por mais 10 dias, explicou ontem o filipino Maximo Kalaw, coordenador da con-

ferência.

Já no início do dia os participantes receberam um rascunho das recomendações, mas houve críticas de diversas organizações e a versão definitiva do documento foi adiada. O rascunho resumia, em 11 páginas, conclusões dos 25 grupos — o relatório completo tem 400 páginas. “O resumo não reflete o que foi debatido durante a conferência. Ele não é agressivo o suficiente”, afirmou Roberto Guimarães, da Comissão Econômica da ONU para América Latina (Cepal).

“As recomendações são tão ge-

néricas que não têm força nenhuma. As questões mais controversas foram suprimidas”, disse Liszt Vieira, presidente do Instituto de Ecologia e Desenvolvimento. Para Sara Larrain, presidente da Rede Nacional de Ação Ecológica (coalizão de 150 organizações chilenas), a própria agenda da Rio +5 evitou as divergências. “Os organizadores evitaram discutir as convenções de clima ou biodiversidade e outras questões mais controversas”, disse.

**Defesa** — O subsecretário da ONU, Maurice Strong, um dos responsáveis pela elaboração das reco-

mendações, respondeu às críticas. “Eles nunca tiveram tanto espaço quanto nesta conferência. Além disso, o documento final é apenas um resumo. Ele não encerra nenhuma questão”, disse. “É importante lembrar que não há ninguém trancado numa sala, em segredo, fazendo os documentos”, justificou.

Apesar dos desentendimentos, a conferência Rio +5 terminou ontem em cantoria. De mãos dadas, os poucos participantes que ficaram para o encerramento cantaram um hino de paz puxado por uma representante dos jovens. O prefei-

to Luís Paulo Conde, que foi participar do fim da festa, também entrou na onda: de mãos dadas com Maurice Strong, ensaiou alguns trechos da música.

**Proposta** — Em seu discurso de anfitrião, Conde afirmou que se empenhará para que o Rio seja um fórum permanente de ecologia. “Rio +5, Rio +6, Rio +7, Rio +10. Rio capital mundial da ecologia”, propôs. A resposta veio na hora: “Voltarmos aqui no quinto aniversário da Rio-92 já mostrou nossa convicção. O Rio é o lar espiritual do desenvolvimento sustentá-

vel. Podemos ter o Fórum do Rio”, disse Strong.

Apesar do burburinho da manhã, no final o clima foi de confraternização. Strong elogiou todos. “Cada um dos grupos produziu sua própria versão — *papers* incríveis. O relatório final terá o carimbo de cada um”, garantiu. Coube à presidente do Conselho da Terra, o filipino Maximo Kalaw, explicar como o trabalho prosseguirá: “Ficamos em contato por *e-mail* com os outros participantes e só fecharemos um documento quando todos concordarem”, disse.

## Poluição é subsidiada

LUCIANA NUNES LEAL

A política industrial da maior parte dos países é contraproducente. Enquanto os governos investem milhões de dólares em projetos de desenvolvimento sustentável, outra parte dos recursos acaba incentivando atividades poluentes. Os países que adotam esta política gastam, ao todo, entre US\$ 700 bilhões e US\$ 900 bilhões por ano em subsídios para agricultura, transporte, energia e distribuição de água, mas essa fortuna é quase sempre investida em atividades nocivas ao meio ambiente. A avaliação foi apresentada ontem na Rio +5.

Segundo o holandês André de Moor, economista do Instituto de Pesquisa em Gastos Públicos e coordenador do relatório, menos de 5% do total de subsídios são investidos na recuperação e preservação do meio ambiente. A pesquisa foi feita em 40 países, entre eles Estados Unidos, México, Rússia, Canadá e Brasil. Não há dados específicos, porém, sobre os subsídios do governo brasileiro. “Fizemos um levantamento global”, diz André de Moor.

“O estudo diz claramente que os governos estão usando dinheiro público, de impostos, para encorajar formas e padrões de desenvolvimento que não são sustentáveis. Não faz sentido, por exemplo, investir em formas alternativas de energia se, por outro lado, vai-se subsidiar atividades que levem à emissão de gás carbônico”, afirmou o canadense James MacNeill, secretário-geral da Comissão Brundtland e integrante do Comitê sobre Subsídios Não-

Sustentáveis da Rio +5.

MacNeill citou o exemplo de seu próprio país: “Para cada dólar que o Canadá gasta encorajando a energia eficiente, centenas de dólares são investidos em subsídios para indústrias de combustível fóssil (produtoras de petróleo, carvão e gás natural). US\$ 6 bilhões vão para essas indústrias todos os anos”. Para o canadense, tornou-se um problema gravíssimo o fato de os governos não explicarem com clareza em que investem os recursos públicos.

**Pesticidas** — James MacNeill e André de Moor ressaltaram ainda que a maior parte dos subsídios acaba nas mãos dos ricos em vez de ser dividida entre os pobres. No caso da agricultura, somente 20% dos US\$ 335 bilhões gastos anualmente em subsídios chegam aos fazendeiros e a maior parte desse valor se concentra nas grandes fazendas. “O subsídio do governo na agricultura acaba sendo usado na má exploração do solo, no uso de fertilizantes tóxicos”, diz André.

O relatório revela ainda que são gastos entre US\$ 50 bilhões e US\$ 100 bilhões anuais na distribuição de água, mas a maior parte vai para sistemas de irrigação que causam sérios danos ao solo e reduzem a produção de alimentos. Em relação ao subsídio de energia, que consome entre US\$ 70 bilhões e US\$ 80 bilhões por ano, o grande problema é o incentivo ao uso do combustível fóssil, grande responsável pela emissão de gás carbônico, que por sua vez causa o aquecimento da atmosfera.



O cacique Aniceto Tsudzaware entregou um abaixo-assinado ao presidente Fernando Henrique Cardoso

## Manifesto faz críticas à Funai

O cacique Aniceto Tsudzaware, da tribo Xavante, de Mato Grosso, representante dos índios brasileiros na Rio +5, aproveitou as solenidades de encerramento da conferência para pedir a demissão do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Marcos Germany Gaiger. “Ele não tem competência para cuidar da nossa saúde e da demarcação das nossas terras”, afirmou o cacique, durante manifestação de 12 representantes de povos indígenas. Aniceto entregou ao presidente Fernando Henrique Cardoso, na noite de terça-feira, um abaixo assinado pedindo cinco providências, entre elas que “o presidente da Funai seja afastado imediatamente”.

Os índios brasileiros pedem mais atenção do governo à causa indígena; discussão com as lideranças sobre a reestruturação da Funai; permanência das administrações regionais perto das aldeias em vez da transferência para as capitais e solução definitiva para a demarcação das terras. Assinam o documento 86 líderes de tribos que, segundo Aniceto, representam 100 mil dos 260 mil índios brasileiros: “Ainda não fiquei satisfeito com a Rio +5. Como a Rio 92, não melhorou a situação dos índios”. Concordam com o cacique os índios que lançaram o manifesto *Não somos invisíveis e temos voz* e tiveram o apoio de integrantes de tribos de El Salvador, Panamá, Argentina, Peru, Japão, Nova Zelândia, Rússia, Estados Unidos e Guatemala. (L.N.L.)

Paulo Nicoletta